

DEVOÇÃO E CURA NO CONJUNTO RELIGIOSO DO MONTE DO GALO – CARNAÚBA DOS DANTAS - RN

DEVOTION AND HEALING AT THE MONTE DO GALO RELIGIOUS GROUP – CARNAÚBA DOS DANTAS - RN

Sylvana Maria Brandão de Aguiar¹
Edson de Araújo Nunes²

Resumo: O Conjunto Religioso do Monte do Galo, localizado no município potiguar de Carnaúba dos Dantas, microrregião sertaneja do Seridó, têm sido palco das mais diversas manifestações de fé e devoção por parte das gentes que a ele acorrem desde o início do século XX. Notadamente, a convergência de parcela significativa de romeiros e devotos apontam para a busca ou agradecimento de graças alcançadas, com destaque para a cura de males, em sua maioria, configuradas por doenças físicas e mentais. Fazendo convergir lentes da História Oral e Etno História, empreendemos uma análise histórica das narrativas de cura presentes nas fontes escritas, orais e iconográficas, que ocorrem neste santuário. Do ponto de vista metodológico, a pesquisa se constitui como exploratória, documental, bibliográfica e etnográfica. Foram-nos basilares as contribuições de Paul Thompson, Jacques Le Goff, Gwyn Prins e Antônio Montenegro, no tocante às fontes orais; de Clifford Geertz, Carlos Alberto Steil e Sylvana Brandão, no que se refere aos registros etno históricos. Também foram fundamentais os conceitos de Pierre Bordieu para a compreensão do que é campo, subcampo e as relações estabelecidas pelos agentes da administração do capital religioso e simbólico, tanto leigos como religiosos. O trabalho é vinculado aos Grupos de Pesquisa “História e Religiões”, do Programa de Pós graduação em História da UFPE, e “Gestão Pública e Espaços Públicos: conflitos e intolerância religiosa”, do Mestrado Profissional em Gestão Pública para o Desenvolvimento do Nordeste, da UFPE.

Palavras chave: História das Religiões. Etno História. Cura. Devoção. Monte do Galo.

Abstract: The Monte do Galo religious group, located in city of Carnaúba dos Dantas in Rio Grande do Norte state, micro region of the Seridó, has been stage of the most diversified demonstration of faith and devotion by the people who retrace to him since the begging of the twentieth century. Notably, the meeting of a significant portion of pilgrims and devotees indicates the research or the thanks of realized blessings, with emphasis on the healing of ills, in the majority, set by physical and mental illness. By joining lenses of the Oral History and Ethnic History, we undertook a historical analysis of the narratives of cure presents in the written springs, oral and iconographic, which occur in this sanctuary. From the methodological point of view, the research is present as exploratory, documentary, bibliographic and

¹ Doutora em História do Brasil pela UFPE; Professora do Departamento de História da UFPE; Docente dos Programas de Pós graduação em História e Arqueologia da UFPE; Docente e Coordenadora do Mestrado Profissional em Gestão Pública para o Desenvolvimento do Nordeste; E-mail: brandao.sylvana@gmail.com.

² Graduando em História pela UFPE; Bolsista de Iniciação Científica do PIBIC/CNPq/UFPE; Email: ed.history@gmail.com

ethnographic. Our bases were the contributions of Paul Thompson, Jacques Le Goff, Gwyn Prins and Antonio Montenegro, with regard to oral sources, Clifford Geertz, Carlos Alberto Steil and Sylvana Brandão, on which refers to the ethno historical records. Were also primordial the concepts of Pierre Bordieu for understanding what is field, subfield and the relationships established by the agents of the administration of religious and symbolic capital, both lay and religious. The work is linked to research groups "História e Religiões", from Graduate Program in History of UFPE, and "Gestão Pública e Espaços Públicos: conflitos e intolerância religiosa", from the Professional Master's Degree in Public Management for the Development of the Northeast, from UFPE.

Key-Words: History of Religions; Ethnic History; Healing; Devotion; Monte do Galo.

Introdução

No Brasil, o registro e estudo das práticas, crenças, mitos e ritos da religiosidade católica e de outras expressões religiosas ocorrem desde o início do processo de colonização, para tanto basta recorrer a sistematização e leitura dos escritos provenientes das ordens missionárias, em especial, as da Companhia de Jesus.³

Do ponto de vista da produção do conhecimento da História, este processo dar-se-á após a abertura às outras ciências sociais, especialmente a partir da década de noventa do século XX. Com a formulação de novos paradigmas, reflexões e práticas metodológicas, as investigações sobre devoção, paulatinamente, passaram a conquistar um profícuo espaço de investigação histórica⁴, como também no âmbito das Ciências da Religião ou Ciências das Religiões, que não podem prescindir do uso dos conceitos e metodologias da História.

É bom que se registre, também, o pioneirismo da obra de Gilberto Freyre que desde a década de trinta do século passado fez confluir em suas análises sobre a formação cultural brasileira, uma atenção especial aos fenômenos religiosos amalgamados de sincretismo das gentes brasileiras.⁵ Dos estudos de Gilberto Freyre e das aberturas multidisciplinares supracitadas, cabe também ressaltar que há uma valoração dos devotos, romeiros, penitentes, sejam estes como forem designados, ou seja, das gentes que praticam livremente sua fé, como sujeitos de sua própria história e não apenas como objetos de estudo ofuscados pelas preferências ou sentidos existenciais dos intelectuais de várias ciências que os elegem como referenciais de investigação.⁶

No dever da consolidação dos estudos sobre religião no Brasil, cabe destacar uma emblemática confluência entre concepções marxistas com a leitura pioneira de obras sobre religião dos fundadores dos *Annales*, no Brasil dos anos oitenta do século

³ A este respeito consultar, em especial, a coleção organizada por LEITE, Serafim. História da Companhia de Jesus no Brasil. Lisboa: Livraria Portugália; Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1938. 10 volumes.

⁴ A este respeito, cabe destacar os quatro volumes da Coletânea organizada por Sylvana Brandão: História das Religiões no Brasil. Recife: Editora Universitária da UFPE, v. I-IV.

⁵ Sobre esta temática todo o legado Freyriano pode ser consultado, mas merece destaque a obra A propósito de Frades. Salvador: Progresso, 1956, e suas análises, sempre permeadas por ironias sobre as vitórias e derrotas dos projetos Franciscanos e Jesuíticos

⁶ BRANDÃO, Sylvana. "São Francisco das Chagas do Canindé, Ceará, Brasil." In: BRANDÃO, Sylvana (Org.). História das Religiões no Brasil. Recife: UFPE, 2004, v. 3, p. 339-370.

vinte. Dito de outra maneira, ao tempo que o CEHILA⁷ consolidava uma vasta produção de interpretações marxistas sobre História do cristianismo no Brasil, intelectuais vinculados às universidades absorviam tanto esta produção (por vezes refutando, por vezes ressignificando) como também absorviam as obras oriundas das diversas gerações dos *Annales*⁸.

Diante de um cenário europeu, em especial na França, os desafios intelectuais propostos ante a aproximação da História a outras ciências sociais consubstanciaram a compreensão histórica de fenômenos como a cura e fez-se presente a partir de trabalhos pioneiros, a exemplo de *Os Reis Taumaturgos*⁹, de Marc Bloch. Com o objetivo de compreender historicamente a crença no poder curativo do toque dos reis das monarquias francesa e inglesa, que remonta ao século XII e perpetua-se até o século XVIII, a obra de Bloch é norteadada pela confluência da História, da Antropologia e da Sociologia:

Os reis-médicos foram naturalmente levados a reproduzir os atos imutáveis que uma longa tradição, popularizada graças às vidas dos santos, atribuía aos taumaturgos. Tal qual os pios curandeiros de que se contava a história, os reis tocavam com as mãos os doentes – ao que parece, mais amiúde as colocando sobre as partes infectadas. [...] A esse velho gesto mágico acrescentavam outro, também ele tradicional em seu tempo, mas especificamente cristão: o sinal-da-cruz feito sobre os pacientes ou sobre as feridas destes. Dizia-se que os santos, traçando dessa maneira a imagem sagrada, haviam em inúmeras circunstâncias triunfado sobre as enfermidades. Os reis seguiram-lhes o exemplo [...]. Afinal, se para os devotos o sinal divino acompanhava todas as ações importantes da vida, como não viria ele santificar o rito de cura? Como o sinal-da-cruz, o rei manifestava aos olhos de todos que exercia em nome de Deus um poder miraculoso¹⁰.

Ainda nos anos 80, a difusão da História das Mentalidades também elegeu como tema de investigação assuntos relacionados ao Cristianismo, desta vez, não apenas como influência direta dos *Annales*, mas de historiadores italianos, como Carlo Ginzburg que empreendeu a absorção dos conceitos da linguística e de cultura popular advindos de Bakhtin¹¹. No Brasil, esta influência fez-se presente nas obras de Laura de Mello e Souza¹², Ronaldo Vainfas¹³ e Luiz Mott¹⁴. Posteriormente, Carlos André Macêdo

⁷ Comissão de Estudos da Igreja na América Latina e no Caribe.

⁸ Não cabe neste curto espaço discutir as permanências e rupturas entre as gerações da Escola dos *Annales*. A este respeito, aprofundar temática em DOSSE, François. *A história em migalhas: dos Annales à Nova História*. São Paulo: Ensaio; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1992; BURKE, Peter. *A Escola dos Annales, 1929-1989: A Revolução Francesa da Historiografia*. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1991, entre outros.

⁹ BLOCH, Marc Leopold Benjamin. *Os reis taumaturgos: O caráter sobrenatural do poder régio, França e Inglaterra*. São Paulo: Companhia das letras, 1993.

¹⁰ Idem, p. 96-97.

¹¹ GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

¹² SOUZA, L. M.. *O diabo e a terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

¹³ VAINFAS, R.. *A heresia dos Índios*. São Paulo: Companhia, 1995.

¹⁴ MOTT, Luiz. *O Sexo Proibido: Virgens, Gays e Escravos nas garras da Inquisição*. Campinas, SP: Pairus, 1989.

Cavalcanti iniciará uma vasta produção tendo por base estudos sobre o imaginário que já não mais aceitam as asseverações advindas da História das Mentalidades¹⁵.

Este campo intelectual, no dizer de Bourdieu, possui a tensão como argamassa natural, pois faz coexistir gerações diversas. Assim, na passagem do milênio, a História das Religiões no Brasil está fartamente enriquecida, seja pela variedade de opções teóricas, variedade de abordagens, multidisciplinaridade de temas, seja pela imensa quantidade de obras lançadas anualmente no mercado nacional ou ainda pelo surgimento de associações e grupos de estudo sobre religião e religiosidades.¹⁶

Com efeito, no panorama da historiografia atual, nota-se um enorme crescimento de trabalhos, a partir de estudos de casos, dedicados às variadas manifestações de religiosidade devocional, especialmente católicas¹⁷.

Aqui, insere-se a nossa investigação acerca do Conjunto Religioso do Monte do Galo; este santuário localiza-se no município potiguar de Carnaúba dos Dantas, circunscrito à microrregião sertaneja do Seridó, que compreende vários municípios do Rio Grande do Norte e da Paraíba. O objetivo fundamental deste trabalho foi a compreensão histórica do fenômeno da cura registrados durante o século XX no santuário em questão.

As reflexões tecidas foram elaboradas a partir da confluência de fontes orais; fontes documentais não oficiais, como por exemplo jornais do início do século XX, panfletos, cordéis; e iconográficas (fotografias do início do século XX); com efeito, nossa investigação pautou-se na prática da heteroglossia, no dizer de Peter Burke¹⁸; dito de outra maneira, fizemos confluir lentes da História Oral, da Etno História. Destacam-se, respectivamente, as contribuições de Paul Thompson, Jacques Le Goff, Gwyn Prins, Antônio Montenegro, Clifford Geertz, Carlos Alberto Steil e Sylvana Brandão.

Paul Thompson¹⁹ compreende a História Oral como uma possibilidade de trazer “vida para dentro da própria história”; tal perspectiva norteou o nosso estudo, na medida em que a voz dos devotos, romeiros, em suma, das gentes seridoenses,

¹⁵ CAVALCANTI, Carlos André Macêdo. “Breves, Diabruras e Inquisição: a prisão de Matias Guizanda”. In: CLIO. Série Arqueológica (UFPE), Recife - PE, v. 1, p. 137-164, 1989.

¹⁶ Tais como a Comissão de Estudos da Igreja na América Latina e no Caribe (CEHILA); a Associação Brasileira de História das Religiões – ABHR; o Grupo Interdisciplinar de Pesquisa em Religiosidade (RELIGARE) do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da UFPB; o Grupo de Pesquisa História e Religiões da Universidade Federal de Pernambuco, entre outros.

¹⁷ A exemplo de tais trabalhos podemos citar: SCHNEIDER, Marília. *Memória e História* (Antônio da Rocha Marmo) – Misticismo, santidade e milagre em São Paulo. São Paulo: T.A. Queiroz/FAPESP, 2001; BRANDÃO, Sylvana. “São Francisco das Chagas do Canindé, Ceará, Brasil.” In: BRANDÃO, Sylvana (Org.). *História das Religiões no Brasil*. Recife: UFPE, 2004, v. 3, p. 339-370; ANDRADE, Maristela Oliveira de. *500 Anos de Catolicismos & Sincretismos no Brasil*. João Pessoa: UFPB, 2002. CARVALHO, João Paulo Araújo de. *Freguesia de Nossa Senhora das Dores (1858-2008): 150 anos de História e Devoção*. Nossa Senhora das Dores, SE: Ass. de Incentivo à Pesquisa e à Cultura Nossa Senhora das Dores dos Enforcados, 2008; JURKEVICS, Vera Irene. *Os Santos da Igreja e os Santos do Povo: devoções e manifestações de religiosidade popular*. Tese (Doutoramento em História). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004; SILVA, Lêda Cristina Correia da. *Frei Damião de Bozzano: Subsídios históricos à compreensão devocional*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009; DONATO, Sóstenes Portela Vieira. *Convento de Santo Antônio de Ipojuca em Pernambuco: reflexões históricas acerca da devoção ao Santo Cristo*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

¹⁸ BURKE, Peter (Org.). *A Escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992.

¹⁹ THOMPSON, Paul. *A voz do passado: História Oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p. 44.

proporcionou uma atualidade e riqueza de detalhes acerca dos registros de cura e devoção que de outra maneira não poderiam ser encontradas.

Dentre os teóricos contemporâneos da Religião que nos fornecem referenciais analíticos, temos o antropólogo americano Clifford Geertz, produtor de vários escritos de natureza epistemológica e etnográfica. Ao procurar traduzir textualmente as observações que realizou em regiões como a cidade de Java, na Indonésia, Geertz construiu o que chamamos de descrição densa.

Os símbolos sagrados funcionam para sintetizar o ethos de um povo – o tom, o caráter e a qualidade da sua vida, seu estilo e disposições morais e estéticas - e sua visão de mundo - o quadro que fazem do que são as coisas na sua simples atualidade, suas idéias mais abrangentes sobre ordem. Na crença e na prática religiosa, o ethos de um grupo torna-se intelectualmente razoável porque demonstra apresentar um tipo de vida idealmente adaptado ao estado de coisas atual que a visão de mundo descreve, enquanto essa visão de mundo torna-se emocionalmente convincente por ser apresentada como uma imagem de um estado de coisas verdadeiro, especialmente bem arrumado para acomodar tal tipo de vida.²⁰

Também se destacam os estudos de Carlos Alberto Steil e Sylvana Brandão, que primaram, respectivamente, pela investigação da religiosidade do santuário do Bom Jesus da Lapa, na Bahia; e do santuário de São Francisco das Chagas do Canindé, no Ceará²¹. Concordando com o historiador Riollando Azzi, para Steil e Brandão as devoções católicas do Brasil quase sempre nascem de formas espontâneas, e ao tomarem uma dimensão de largo alcance, a Igreja Católica, necessariamente, tenta disciplinar e manter o controle dos devotos. “A instituição eclesiástica, quando paroquializa experiências de religiosidades populares, o faz para disciplinar os poderes dos leigos, os poderes dos fiéis”²².

Em nosso trabalho, cabe ainda destacar a imensa contribuição das reflexões de Pierre Bordieu sobre o papel da religião no devir histórico que nos foi absolutamente necessário à elaboração de nossas formulações teóricas. Bordieu, com suas considerações acerca de campo e sub campos, *habitus* e capitais nos proporciona uma plasticidade harmoniosa sobre o sentido das religiões e das religiosidades, posto que rompe com a noção da história como estrutura estável. Para Bordieu, a religião é um campo autônomo que coexiste simultaneamente com vários sub campos, e seus agentes religiosos e leigos se relacionam através de discursos e intradiscursos.

Na verdade, Bordieu faz uma brilhante reelaboração da tipologia weberiana, ao tecer ilações entre agentes religiosos e agentes leigos como um único conjunto de relações. Aqui, Bordieu considera a religião como mercado de bens simbólicos, onde os agentes sacerdotais produzem e os leigos consomem. Cabe, por conseguinte, compreender que esta constatação nem sempre é verossímil. No tocante às práticas e

²⁰ GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 1989, p. 103-104.

²¹ Para um aprofundamento nestes autores, ver: STEIL, Carlos Alberto. O sertão das romarias: um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa-Bahia. Petrópolis: Vozes, 1996; BRANDÃO, Sylvana. “São Francisco das Chagas do Canindé, Ceará, Brasil.”, Op. Cit., p. 339-370; e AZZI, Riollando. A Crisandade Colonial: um projeto autoritário. São Paulo: Paulinas, 1987.

²² BRANDÃO, Sylvana. “São Francisco das Chagas do Canindé, Ceará, Brasil.”, Op. Cit. p. 360.

representações²³ devocionais verificadas no Monte do Galo, desde suas origens históricas, por diversas vezes os leigos orientaram os significados e significantes daquilo que Bordieu nomeia como capital simbólico e mercado de bens religiosos²⁴.

Etno História de uma Devoção

A História do Monte do Galo, extraordinário misto de fé e devoção, está relacionada também com a própria colonização do Seridó, fomentada com a instalação de fazendas durante o século XIX. Vejamos o que nos diz o poeta seridoense Francisco Rafael Dantas²⁵:

Onde hoje é Carnaúba
Um grande rancho existia
Pelo Rancho Pé do Monte
O matuto conhecia
Mas, começaram a notar
Que ali naquele lugar
Um grande mistério havia

Um dia de madrugada
Começaram a escutar
Em cima daquele monte
Um triste galo a cantar
Sem ter morada por perto
Naquele lugar deserto
Era de admirar

Muitos matutos pensavam
Que o monte era sagrado
Outros diziam que não
Que era um reino encantado
Sem sentir pequeno abalo
E pelo o Monte do galo
Começou a ser chamado.

Os vibrantes cânticos teriam sido ouvidos também por vaqueiros da Fazenda Baixa Verde, ao campear e cuidar do gado, nas primeiras décadas de 1800. Este canto foi associado pelo imaginário religioso coletivo a uma misteriosa e sagrada "anunciação"²⁶ e, paulatinamente, o Monte do Galo vai sendo sacralizado pelas gentes seridoenses.

No século XX, temos o encontro entre a história remota e mítica do canto do galo, da cura de Pedro Alberto operada por Nossa Senhora das Vitórias, aliada à instalação do cruzeiro comemorativo da fundação de Carnaúba dos Dantas em 25 de

²³ A este respeito, consultar CHARTIER, Roger. A história cultural entre práticas e representações. Lisboa: DIFEL, 2002.

²⁴ BORDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. Coleção Estudos. São Paulo: Perspectiva, 2003.

²⁵ DANTAS, Francisco Rafael. A Verdadeira História do Monte do Galo. Carnaúba dos Dantas: s/e, 2007, p. 03-04.

²⁶ MACEDO, Hélder (org.). Ritmos, sons, gostos e tons do patrimônio imaterial de Carnaúba dos Dantas. Caicó, Netograf, 2005.

outubro de 1928, quando ocorre também a doação oficial por parte de Pedro Alberto da imagem da Santa²⁷.

A respeito do que seria o primeiro milagre de Nossa Senhora das Vitórias e da devoção particular de Pedro Alberto a esta santa e as origens históricas de seu santuário, transcrevemos agora a narrativa²⁸ de Júlia Albertina Dantas, de 87 anos, filha de Pedro Alberto:

Tudo começa com a viagem²⁹ do meu pai ao Acre. Ele vai prá lá trabalhar nos seringais... foi trabalhar na borracha...era o que dava dinheiro, e ele foi pra tentar melhorar de condição, porque era muito pobre, família humilde. E ele foi com esse objetivo... que foi desfeito por causa da doença. Beribéri, né? Doença terrível, matou muita gente nessa época. Aí ele estava lá, ardendo em febre, três dias, era uma febre terrível... dormindo e acordado, no delírio da febre, aparece a ele Nossa Senhora das Vitórias. E ela diz a ele: "Se queres viver, volte a sua terra natal o quanto antes; leva contigo uma imagem minha. E ele pergunta: "Quem é a senhora?" Ela responde: "Eu sou Nossa Senhora das Vitórias, sua protetora". Então ele veio pra Carnaúba... trazendo a santinha. Quando ele voltou, conheceu o primeiro médico de Carnaúba, Flávio Maroja, paraibano; então ele disse: "Pedro, mas que lugar mais lindo, vamos passear nesse lugar" (o Serrote do Galo). Então eles foram até lá... e o Doutor Flávio falou: "Mas um lugar bonito desse, ninguém nunca pensou aqui em nada... em transformar isso num lugar de turismo?" E meu pai disse: "Aqui é um lugar sagrado, onde o Galo cantou anunciando à meia-noite... aqui é pra ser um local de oração". Então ele se juntou com outros que tinham condições, influência... colocaram o Cruzeiro que está lá até hoje.

A História Oral documenta uma memória coletiva ou individual quando aquilo que aconteceu necessariamente é ressignificado; nada do que vêm à tona é narrado como teria acontecido; emerge como reinterpretção do passado permeado por todo um acúmulo das experiências de vida. Le Goff teceu ilações entre a história e a memória, procurando destacar a relação desta última com a manutenção de tradições e mesmo no domínio de uma recordação³⁰. Segundo Antônio Montenegro, "o caráter singular de toda memória (mesmo coletiva) e a forma como esta sempre se reconstrói a partir do olhar do presente fazem cada entrevista ter um significado muito próprio"³¹.

Todavia, a força da história oral é a força de qualquer história metodologicamente competente e da inteligência com que tipos diferenciados de fontes são aproveitadas e operadas harmoniosamente³².

²⁷ Esta imagem é conservada, atualmente, no Museu Histórico Nossa Senhora das Vitórias.

²⁸ Entrevista concedida em 19 de dezembro de 2008, com registro no Cartório Único de Notas de Carnaúba dos Dantas.

²⁹ Em 1907.

³⁰ LE GOFF, Jacques. História e Memória. Lisboa: Edições 70, 2000. Vol. I e II.

³¹ MONTENEGRO, Antônio Torres. História oral e memória: a cultura popular revisitada. São Paulo: Contexto, 1992, p. 150.

³² PRINS, Gwyn. História Oral. In: BURKE, Peter (org.). A Escrita da História: novas perspectivas. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Unesp, 1992.



Figura 1 – A inauguração do Cruzeiro do Monte do Galo, em 25 de outubro de 1928. Acervo particular de João Evangelista.

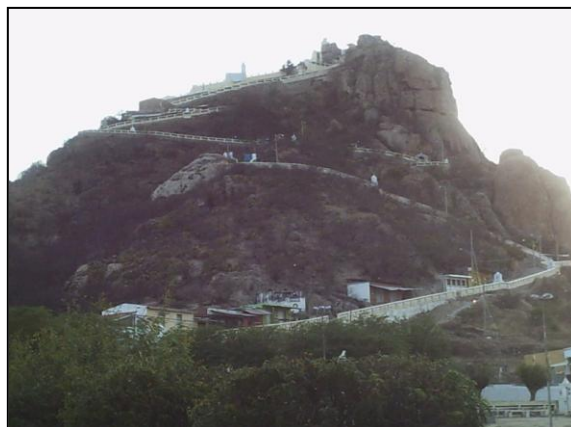


Figura 2 – O Monte do Galo. Fonte: Edson Araújo.

A documentação escrita registra que os festejos dedicados a Nossa Senhora das Vitórias começaram, efetivamente, em 1929, de 23 a 25 de outubro – sendo o último a comemoração do dia da santa, mantidos até hoje dessa forma. Em 1930 deu-se a benção de sua pequena capela, construída no topo do monte, numa cerimônia onde ocorreu grande número de devotos³³.

Desde sua inauguração, o Monte vem sendo sítio de romarias, anualmente no mês de outubro. O jornal “O Poti”, em 28 de outubro de 1973 diz o seguinte:

O Monte do Galo, há mais de 50 anos, passou a ser um centro de atração religiosa dos mais visitados, no interior potiguar, pelos agricultores e familiares que acreditam no poder de Nossa Senhora das Vitórias, a exemplo do que foi feito por milhares de pessoas residentes em Carnaúba dos Dantas, bem como outros municípios daquela região³⁴.

O número de fiéis presentes nas cerimônias religiosas cresceu largamente com o passar dos anos; já nos anos 70, os festejos foram transferidos para a Capela de São José, diante da impossibilidade do espaço anterior comportar a grande massa de devotos.

Os primeiros registros de curas operadas por Nossa Senhora das Vitórias no Monte do Galo recuam até o início do século XX.

³³ MACEDO, Hélder (org.). Ritmos, sons, gostos e tons do patrimônio imaterial de Carnaúba dos Dantas. Caicó, Netograf, 2005.

³⁴ O POTI. NATAL, 28/10/1973. Acervo da Biblioteca Pública de Carnaúba dos Dantas “Donatilla Dantas.



Figura 3 – Missa no Monte do Galo em 1949, onde já se nota a presença da Capela de Nossa Senhora das Vitórias. Acervo particular de João Evangelista.

Curas e Milagres no Monte do Galo: Uma Análise Histórica

São vários os relatos de milagres difundidos entre os fiéis e romeiros: num caso ocorrido no ano de 1958, uma mulher acometida por uma doença que lhe paralisou os membros inferiores foi carregada por seu companheiro ao topo do Monte do Galo; após rezar nos pés da imagem de Nossa Senhora das Vitórias, esta recebeu como benção a cura de sua enfermidade e “saiu andando sozinha, sem em nada ser agarrada”³⁵.

A História do Monte do Galo registra a cura das mais diversas enfermidades. O poeta sertanejo nos traz o seguinte relato de cura:

O outro foi uma mulher
Quando seu filho nasceu
Com poucos anos de idade
De repente adoeceu
E ela na mesma hora
Também de Nossa Senhora
das Vitórias se valeu

Ela fez promessa
Para o seu filho pagar
Se ele ficasse bom
Ao o Monte visitar
Vestindo um manto azulado
E subir o Monte pelado
E nos pés da santa deixar

³⁵ DANTAS, Francisco Rafael. A Verdadeira História do Monte do Galo. Carnaúba dos Dantas: s/e, 2007.

Mas o menino foi crescendo
 E a promessa não pagou
 Ele já um homem feito
 Uma noite ele chegou
 Para a promessa pagar
 Quando a roupa foi tirar
 A luz do Monte apagou

E subiu o Monte nu
 Pelado como nasceu
 Colocou a roupa lá
 No canto que prometeu
 Foi vistir uma que trazia
 Pois enquanto ele vestia
 De novo a luz acendeu³⁶.

Outros testemunhos da intervenção divina perpetuado até hoje pela oralidade nos apresentam um caso curioso, onde uma cabra, após cair do alto do serrote – cerca de 155 metros de altura – não teve nada de grave³⁷.

A respeito da concepção de milagre, Sylvana Brandão reflete:

Para que possamos compreender a alma de um povo através dos significados e significantes de suas expressões religiosas, penso, neste caso, que devemos nos indagar sobre o que para eles representa um *milagre*. Pensemos também como ferramenta esclarecedora sobre os conceitos de alteridade na História. Para nós, milagre só é aceito a partir do espetacular, do não explicável e justificado pela razão, claro está que falo da razão instrumental denunciada por Habbermas. [...] Para as gentes humildes e generosas do Brasil, [...] milagre pode ser a solução de um impasse qualquer, seja este afetivo, financeiro, de dor física. O milagre como solução prática, cotidiana. O ver a vida de maneira simples, milagrosa³⁸.

O sagrado aqui se manifesta também em consonância aos quatro elementos da natureza; terra, fogo, água e ar integram, desde as crenças mais pretéritas, os ritos que permeiam a História humana. Aqui, a água, enquanto elemento catalisador da interferência divina, também esteve presente no Monte do Galo, como verificamos na poesia de Auta Rodrigues de Carvalho, transcrita a seguir:

No pé da ladeira havia
 Uma fonte de água límpida
 Que curava doenças, mas secou.
 Talvez porque vendiam água
 O povo idoso assim falou
 Isto é contrário a religião
 E por isto penalizada a população ficou³⁹.

³⁶ DANTAS, Francisco Rafael. A Verdadeira História do Monte do Galo. Carnaúba dos Dantas: s/e, 2007.

³⁷ DIÁRIO DE NATAL, 08/12/1929. Acervo da Biblioteca Pública de Carnaúba dos Dantas Donatilla Dantas.

³⁸ BRANDÃO, Sylvana. “São Francisco das Chagas do Canindé, Ceará, Brasil.” Op. Cit., p. 358.

³⁹ CARVALHO, Auta Rodrigues de. Histórico do Monte do Galo. Carnaúba dos Dantas, s/e, 1990.

Nas cerimônias religiosas tradicionais, como a Festa de Santa Luzia e São Bento, bem como na Festa de Nossa Senhora das Vitórias, os romeiros costumam acorrer ao Monte em agradecimento das graças alcançadas. Neste sentido, a própria morfologia do Monte do Galo reforça o caráter sacrificial do rito de agradecimento, posto que apesar do caminho construído com curvas sinuosas semelhantes a um espiral, a subida é bastante íngreme, fazendo-nos lembrar Vico, quando as histórias se repetem num movimento semelhante, mas nunca igual⁴⁰.

No trabalho de campo efetuado durante a Festa de Santa Luzia e São Bento, em dezembro de 2009, verificamos fiéis subindo a pé, de costas, descalços, ou mesmo de joelhos; alguns dos fieis também trajam túnicas brancas durante a subida; nota-se a presença das gentes de fé de todas as idades; na verdade, famílias inteiras acodem àquele lugar em testemunho de sua gratidão ao divino.

No caminho até o topo, foram erigidas 14 estações⁴¹ que retratam a Paixão de Cristo; a contemplação de seu sofrimento deve servir para lembrar aos fiéis que sem martírio não há redenção, além de rememorá-los para com a dívida que eles possuem com Deus e seu filho, que se entregou à agonia da crucificação para salvar todos os pecadores. Esta reprodução acaba por fazer o homem sertanejo perceber seus sentidos sagrados diante da onipotência divina, imputando-lhe culpa e remorso pelo calvário de Cristo. No dizer de Mircea Eliade, um reviver dos sentidos fundantes que ordinariamente compõem os rituais e mitos de origem de qualquer religião ou expressão religiosa.⁴²

Nestas estações, os romeiros, devotos, peregrinos, por vezes, até mesmo curiosos, costumam realizar orações e agradecer as bênçãos alcançadas. Procurando testemunhar sua gratidão ou o pagamento da promessa, muitos deles acendem velas sobre as estruturas, ou depositam ex-votos, além de pedras, flores e até mesmo acanhadas quantias em dinheiro. Alguns chegam a escrever na própria estação palavras de agradecimento, misticismo que embora seja desaprovado pelos dirigentes do culto, persiste e se atualiza no espaço do Monte do Galo, como um modo de aproximação com o sagrado.

Com efeito, a nossa investigação procura demonstrar a força da religiosidade católica entre as gentes nordestinas. Santuários como o Monte do Galo exemplificam o processo de reencantamento da Religião na Modernidade, no dizer de Peter Berger⁴³, onde assiste-se ao aumento significativo das práticas devocionais no alvorecer do século XXI.

⁴⁰ VICO, Giambattista. *A Ciência Nova*. São Paulo: Record, 1999.

⁴¹ Idealizadas por Dom José Adelino Dantas (1910-1983), em homenagem às principais famílias de Carnaúba dos Dantas.

⁴² ELIADE, Mircea. *O Mito do Eterno Retorno*. Lisboa: Edições 70, 1985.

⁴³ BERGER, Peter L. "A dessecularização do mundo: uma visão global." *In: Religião e Sociedade*. V. 1. Rio de Janeiro, Iser, 2001.



Figura 4 – Ex-votos depositados e velas acesas pelos fiéis nas estações da *via-sacra*.
Fonte: Fábio Mafra/Edson Araújo.



Figura 5 – Romeiro sobe o Monte de joelhos.
Fonte: Fábio Mafra/Edson Araújo.



Figura 6 – Jovem romeira sobe o Monte descalça e trajando túnica branca.
Fonte: Fábio Mafra/Edson Araújo.

Considerações Finais

Do que foi argumentado, necessário se faz a compreensão dos devotos, romeiros, peregrinos e penitentes como agentes de sua própria história, negando ao intelectual que os elege como referencial de investigação qualquer tipo de julgamento.

A cura, o milagre, obtidos mediante sacrifícios, promessas e agradecimentos em forma de ex-votos, fogem à compreensão da lógica Aristotélica, e necessariamente não decorrem daquilo que ordinariamente se denomina como alienação. Devem ser compreendidos como um processo muitíssimo mais amplo, onde buscas de sentidos de vida misturam-se ao mistério da interrupção da própria vida pelo devir inerente a morte, sempre anunciada, nunca compreendida.

A cura pela fé, outrora negligenciada pela tradição marxista enquanto ideologia (como toda ela, um falseamento da realidade) no devir de um processo histórico

proveniente de miseráveis condições de vida, ou pela psicanálise mais tradicional, como a busca de uma eterna, prometida e frágil proteção paternalista, nos limita a compreensão dos fenômenos religiosos, em suas mais variadas expressões, com mais acuidade.

Neste sentido, nossos estudos realizados no Conjunto Religioso do Monte do Galo situam-se na direção da compreensão das expressões religiosas católicas no Brasil, neste caso, sertanejas, como uma busca incansável do entendimento das práticas e representações devocionais brasileiras como um fenômeno indispensável à investigação da natureza daquilo que desejamos entender como identidade cultural permeada pela convivência religiosa, por hora, ainda harmoniosa.

Estudos comparativos realizados pelos Grupos de Pesquisa "História e Religiões", do Programa de Pós-graduação em História da UFPE, e "Gestão Pública e Espaços Públicos: Conflitos e Intolerância Religiosa", do Mestrado Profissional em Gestão Pública para o Desenvolvimento do Nordeste, da UFPE, indicam que o que ocorre no Conjunto Religioso do Monte do Galo não constitui fenômenos isolados, antes ordinárias representações e práticas religiosas católicas inerentes ao que geograficamente configuramos como o Nordeste Brasileiro.

Referências

ANDRADE, Maristela Oliveira de. 500 Anos de Catolicismos & Sincretismos no Brasil. João Pessoa: UFPB, 2002.

AZZI, Riolando. A Cristandade Colonial: um projeto autoritário. São Paulo: Paulinas, 1987.

BERGER, Peter L. "A dessecularização do mundo: uma visão global". *In*: Religião e Sociedade. V. 1. Rio de Janeiro, Iser, 2001.

BLOCH, Marc Leopold Benjamin. Os reis taumaturgos: O caráter sobrenatural do poder régio, França e Inglaterra. São Paulo: Companhia das letras, 1993.

BORDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. Coleção Estudos. São Paulo: Perspectiva, 2003.

BRANDÃO, Sylvana (Org.). História das Religiões no Brasil. Recife: UFPE, v. I-IV.

_____. "São Francisco das Chagas do Canindé, Ceará, Brasil." *In*: BRANDÃO, Sylvana (Org.). História das Religiões no Brasil. Recife: UFPE, 2001, v. 3, p. 339-370.

BURKE, Peter. A Escola dos Annales, 1929-1989: A Revolução Francesa da Historiografia. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1991

_____. (Org.). A Escrita da História: novas perspectivas. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

CARVALHO, Auta Rodrigues de. Histórico do Monte do Galo. Carnaúba dos Dantas, s/e, 1990.

CARVALHO, João Paulo Araújo de. Freguesia de Nossa Senhora das Dores (1858-2008): 150 anos de História e Devoção. Nossa Senhora das Dores, SE: Ass. de Incentivo à Pesquisa e à Cultura Nossa Senhora das Dores dos Enforcados, 2008.

CAVALCANTI, Carlos André Macêdo. "Breves, Diabruras e Inquisição: a prisão de Matias Guizanda." CLIO. Série Arqueológica (UFPE), Recife - PE, v. 1, p. 137-164, 1989.

CHARTIER, Roger. A história cultural entre práticas e representações. Lisboa: DIFEL, 2002.

DANTAS, Francisco Rafael. A Verdadeira História do Monte do Galo. Carnaúba dos Dantas: s/e, 2007, p. 03-04.

DIÁRIO DE NATAL, 08/12/1929. Acervo da Biblioteca Pública de Carnaúba dos Dantas Donatilla Dantas.

DONATO, Sóstenes Portela Vieira. Convento de Santo Antônio de Ipojuca em Pernambuco: reflexões históricas acerca da devoção ao Santo Cristo. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

DOSSE, François. A história em migalhas: dos Annales à Nova História. São Paulo: Ensaio; Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas, 1992.

ELIADE, Mircea. O Mito do Eterno Retorno. Lisboa: Edições 70, 1985.

ENTREVISTA de Júlia Albertina Dantas, concedida em 19 de dezembro de 2008, com registro no Cartório Único de Notas de Carnaúba dos Dantas, RN.

FREYRE, Gilberto. A propósito de Frades. Salvador: Progresso, 1956.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 1989

GINZBURG, Carlo. O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

JURKEVICS, Vera Irene. Os Santos da Igreja e os Santos do Povo: devoções e manifestações de religiosidade popular. Tese (Doutoramento em História). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

LE GOFF, Jacques. História e Memória. Lisboa: Edições 70, 2000. Vol. I e II.

LEITE, Serafim. História da Companhia de Jesus no Brasil. Lisboa: Livraria Portugália; Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1938. 10 volumes.

MACEDO, Hélder (org.). Ritmos, sons, gostos e tons do patrimônio imaterial de Carnaúba dos Dantas. Caicó, Netograf, 2005.

MONTENEGRO, Antônio Torres. História oral e memória: a cultura popular revisitada. São Paulo: Contexto, 1992, p. 150.

MOTT, Luiz. O Sexo Proibido: Virgens, Gays e Escravos nas garras da Inquisição. Campinas, SP: Pairus, 1989.

O POTI. NATAL, 28/10/1973. Acervo da Biblioteca Pública de Carnaúba dos Dantas "Donatilla Dantas.

PRINS, Gwyn. "História Oral." In: BURKE, Peter (org.). A Escrita da História: novas perspectivas. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Unesp, 1992.

SCHNEIDER, Marília. Memória e História (Antônio da Rocha Marmo) – Misticismo, santidade e milagre em São Paulo. São Paulo: T.A.Queiroz/FAPESP, 2001.

SILVA, Lêda Cristina Correia da. Frei Damião de Bozzano: Subsídios históricos à compreensão devocional. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

SOUZA, L. M.. O diabo e a terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

STEIL, Carlos Alberto. O sertão das romarias: um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa-Bahia. Petrópolis: Vozes, 1996.

THOMPSON, Paul. A voz do passado: História Oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p. 44.

VAINFAS, R.. A heresia dos Índios. São Paulo: Companhia, 1995.

VICO, Giambattista. A Ciência Nova. São Paulo: Record, 1999.